

# A Teologia do Povo

(texto publicado na revista Logos, n.VII, 1999, Salvador-BA)

Partindo do Novo Testamento podemos afirmar que a Teologia Cristã do primeiro século, inicia-se com o apóstolo S. Paulo. Através de suas epístolas ele estrutura o pensamento da nova religião que surgira. É ele quem dá aos ensinamentos de Jesus de Nazaré a forma teológica. Jesus falou de amor ao próximo, S. Paulo teologiza esse aspecto da doutrina cristã quando em suas cartas fala em "compartilhar as necessidades dos santos; praticar a hospitalidade; abençoar aos que nos perseguem; Alegrar-nos com os que se alegram e chorar com os que choram" (Romanos 12.9-21). Jesus revela seu grande amor ao mundo, e é S. Paulo que vai dar nome a esse grande amor, chamando-o de GRAÇA, e descreve essa graça de forma tão bela em sua epístola aos Romanos capítulos 6,7, e 8.

S. Paulo não só sistematiza a teologia, como também, a partir da experiência judaica cria a sua eclesiologia. Epístolas como I aos Coríntios, I e II Timóteo e Tito, ele vai dar as comunidades cristãs que se iniciavam uma estrutura eclesiástica, que serve de paradigma para as "eclesiologia" de hoje. Analisando a teologia são paulina, podemos dizer que ele fez o povo conhecer e viver a teologia, popularizando a compreensão de Deus, permitindo que todos: judeus, gentios, escravos, livres, homens, mulheres. Não só pudessem conhecer o Criador, mas experimentá-lo de perto, conhecendo sua graça e seu amor. A teologia cristã primitiva<sup>1</sup> era uma "teologia do povo".

É ..... que vai afirmar em sua "História da Filosofia Cristã" : O cristianismo é uma religião essencialmente universal. Destina-se indistintamente aos homens de todas as raças, de todas as nações e de todas as camadas sociais. Entretanto, é um fato histórico que a "Boa Nova" recrutou seus primeiros ouvintes e adeptos principalmente entre as classes humildes."<sup>2</sup>

Entretanto muitos homens cultos encontraram no cristianismo respostas para os seus mais profundos anseios. Encontrando em Cristo a solução para o problema clássico dos gregos: o Logos. E são os apologetas dos séculos II e III que primeiro vão se dedicar a mostrar que a mensagem de Cristo oferecia à razão soluções mais profundas que a filosofia.

Mais concretamente, no século II, Justino – o Mártir<sup>3</sup>, começa a aproximar a Teologia da Filosofia, se distanciando do povo. É ele quem vai aproximar o pensamento cristão do platônico. E durante toda a Idade Média, a Teologia passa a ser assunto do clero, dos concílios, das grandes controvérsias religiosas. Até houve tentativas, durante a chamada "era das trevas" de se voltar a fazer uma teologia mais do povo: S. Francisco de Assis e os Morávios. São tentativas de trazer de volta ao povo a prática do evangelho. Mas a teologia dos tomos, dos mosteiros é quem vai imperar absolutamente neste período da história da humanidade, e qualquer

tentativa de ação diferenciada seria condenada sumariamente.

Com o advento da Reforma Protestante, no século XVI, o povo volta ao cenário teológico. Martinho Lutero populariza as Escrituras Sagradas, permitindo ao povo germânico ler a Palavra de Deus em sua própria língua. Durante os primeiros séculos de protestantismo há uma participação efetiva do povo na formação de uma identidade teológica, que vai ficando conhecida como Teologia Protestante. Em meados do século XVII a teologia volta a se fechar nos gabinetes e bibliotecas, sendo pensada e discutida nos concílios, agora Católicos e Protestantes, ficando para o povo apenas o extrato dessa teologia, que lhe chega nas formas de confissões de fé, catecismos, livros de orações etc. Cabendo agora ao povo, apenas a prática de um discurso de cátedras.

Nos séculos seguintes há tentativas de se retomar à prática teológica do povo. O surgimento das Missões Modernas com William Carey, em 1792; os grandes avivamentos do século XIX (Finney, Moody...), mas mesmo com tais tentativas a teologia ainda se posicionava longe do povo, sendo assim faltava uma prática teológica do povo.

É no século XX, mais precisamente na América Latina, que a Teologia retorna ao princípio. Quando a teologia é pensada e vivida na perspectiva da libertação, com ênfase na vida do povo latino americano. É uma tentativa de volta à prática primitiva. Diz D. Pedro Casaldáliga: "Continuo acreditando que a Igreja é missão e que o mandato do Senhor "ide e anunciai" ainda é válido e urgente. Continuo acreditando nos sete sacramentos, por exemplo, como expressão histórica do ser sacramental da própria Igreja. Mas acredito em muitos outros sacramentos de "contrabando" que Deus se pode permitir usar, porque creio em Jesus Cristo, seu Filho, o Salvador de todos os homens, como sacramento primordial, cujo sangue derramado não pode ser reduzido a um desperdício em favor de poucos. Creio que a Salvação de Deus muitas vezes "se faz por dentro". Creio que tudo é Graça. Creio que a Graça é maior do que a Igreja, porque a Graça é o amor universalmente salvador de Deus, em Cristo. Se antes aceitei que fora da Igreja não havia Salvação, agora acredito que fora da Salvação não há Igreja.... A Igreja não pode ser o "lugar acabado" onde se celebra a Salvação em possessivo deleite de privilegiados. A Igreja é o sinal aberto da Salvação; o lugar "oficial", sim – comunitário e consciente – de celebrá-la: um lugar certo, mas um lugar de partida, de chegada e de encontro; lugar de constante saída..."<sup>4</sup>

No entanto com entrada do elemento marxista na teologia, e uma influência altamente introspectiva do pensamento oriental, tal teologia foi perdendo seu espaço. Seus maiores expositores começaram a trilhar caminhos distantes do Evangelho, tornando-se muitos deles mais próximos de um panteísmo oriental, do que do cristianismo primitivo.

Sendo assim como fica a Teologia deste terceiro milênio? Ao meu ver o caminho começou a ser traçado na América Latina, no século XX. Quando o povo de Deus sentiu que ele é parceiro de Deus na construção de seu Reino. Reino de Justiça, Paz, Amor, Solidariedade. A Teologia do Povo é a teologia do terceiro milênio. A teologia que faz de nós, não só servos, mas filhos de Deus, co-participantes no projeto de Deus. S. Pedro já afirmava

em sua primeira epístola: "vós porém sois raça eleita, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, afim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz."(I Pedro 2.9).

A Teologia do Povo passa por uma consciência missiológica da igreja, isto é, a consciência de anunciar o Reino de Deus a todos os povos, nações, etnias etc. É o esforço missionário que não é privilégio de agências missionárias e denominações cristãs, mas é feita pelo povo, chamado para tal fim pelo próprio Deus. Mas esta mesma teologia vai ainda dar a sua contribuição diaconal, ou melhor, vai promover o ser humano. É o povo de Deus cumprindo o ensinamento do seu Senhor: amar o próximo como a si mesmo. Quando falo em contribuição diaconal, falo em caridade, falo em educação, falo em saúde, falo em promoção humana.

Sim esta é minha visão sobre a Teologia do terceiro milênio. Uma Teologia feita e vivida pelo povo e para o povo, pois foi este povo, esta humanidade que fez Deus fazer-se carne e habitar em nosso meio, dando a sua própria vida para a nossa redenção, por amor. Será no terceiro milênio que o povo assumirá definitivamente sua condição de teólogo.

**CRUX SOLA NOSTRA THEOLOGIA.**

**José Rômulo de Magalhães Filho**

**Notas:**

1. **Uso o termo primitivo no sentido de primeira, originária, embrionária.**
2. ----- , in **História da Filosofia Cristã**, pg. 25
3. **Justino – o Mártir, nasceu em Nablus, 1<sup>a</sup> metade do século II, converteu-se adulto. Sofreu martírio entre 163 e 167. – “Justino admite, sem hesitar que os antigos filósofos que conheceram a praticaram a verdade, tais como Platão e os estóicos, tiveram parte no Logos; contudo eles não O possuíram integralmente. O Logos total aparece em Cristo, ao passo que aqueles filósofos possuíram apenas germinalmente ou em parte”- in História da Filosofia Antiga – *ibid.* P. 29**
4. **CASALDÁLIGA, Pedro. Na procura do Reino: antropologia de textos-1968-1988. Tradução de Antônio Carlos Moura. São Paulo: FTD, 1988, p. 141.**